

ARTHUR MILLER

Eu não preciso mais de você

e outros contos

Tradução
José Rubens Siqueira



I Don't Need You Anymore — copyright © Arthur Miller, 1951, 1957, 1958, 1959, 1960, 1961, 1962, 1966, 1967

Homely Girl — copyright © Arthur Miller, 1966, 1967, 1992

Presence — copyright © The Arthur Miller Literary and Dramatic Property Trust, 2007
Todos os direitos reservados

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Presence: Collected Stories of Arthur Miller

Capa

Carlo Giovani

Preparação

Jacob Lebentsayn

Revisão

Carmen. T. S. Costa

Huendel Viana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Miller, Arthur, 1915-2005

Eu não preciso mais de você: e outros contos / Arthur Miller ;
tradução José Rubens Siqueira — 1^a ed. — São Paulo : Companhia
das Letras, 2015.

Titulo original: Presence : Collected Stories of Arthur Miller.

ISBN 978-85-359-2530-2

1. Contos norte-americanos i. Título.

14-12864

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORASCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Prefácio do autor — Sobre distâncias, 7

EU NÃO PRECISO MAIS DE VOCÊ

Eu não preciso mais de você, 17

Monte Sant'Angelo, 69

Por favor, não mate nada, 88

Os desajustados, 95

Vislumbre de um jóquei, 132

A profecia, 136

Fama, 188

A noite do serralheiro, 197

A busca por um futuro, 250

MOÇA DO LAR, UMA VIDA

Moça do lar, uma vida, 271

PRESENÇA

Buldogue, 317

A apresentação, 330
Castores, 354
O manuscrito nu, 364
O engenho de terebintina, 392
Presença, 447

Eu não preciso mais de você

Algumas vezes, nos dias anteriores, ele havia sido não exatamente alertado, mas avisado, de um jeito grosseiro e absoluto, de que esta semana Deus proibira nadar na sexta-feira. E era sexta-feira. Ele vinha observando o mar muitas vezes por dia e com toda a certeza o mar estava ficando mais e mais agitado e a cor da água engracada. Não verde, nem azul, mas um tipo de cinza, até preto mesmo em certos lugares, mesmo agora, quando a água corria com pecados, as ondas realmente batendo na areia com tanta força que a sarjeta onde estava sentado estremecia ligeiramente em suas costas. Alguma conexão corria por baixo da praia e chegava ali onde a rua terminava.

As ondas escorregavam como grandes prédios que oscilavam, bêbados, e depois despencavam em cima da própria face e se espalhavam por toda a areia dura. Ele ficou vigiando as faces curvas das vagas à espera de um sinal dos pecados barbados que ele sabia estarem flutuando por ali como algas marinhas, e por um segundo, de quando em quando, via um lampejo deles. Eram como barbas, só que tinham metros de comprimento e não se via

o rosto do homem em que cresciam. De alguma forma, havia várias barbas, mas todas pertenciam ao mesmo rosto. Era como se um homem estivesse ali, flutuando, uns trinta centímetros debaixo da água ou se movimentando às vezes rápido como um peixe e flutuando de volta até outro ponto. Pois hoje e amanhã eram Tisha BeAv ou Rosh Hashaná ou Yom Kippur ou um daqueles feriados que o vovô e outros velhos de alguma forma sabiam que havia chegado — dias em que todo mundo se vestia bem e ele devia usar o terno de tweed, gravata e os sapatos novos, e ninguém podia comer o dia inteiro, a não ser ele, porque tinha só cinco anos e ainda nem tinha aprendido hebraico. Ele ia ter também lições de piano ou violino quando fizesse seis anos, e quando começasse a tocar piano ou violino também não ia poder comer o dia inteiro, igual ao irmão. Mas enquanto isso, iria à sinagoga em visita com o irmão e o pai, mas não precisava ir. Era melhor ir, mas, se ficava impaciente e queria sair para o ar livre, ele podia e não levava bronca, nem ninguém notava. Ele podia fazer praticamente qualquer coisa porque ainda tinha só cinco anos.

Hoje de manhã, quando terminou de tomar café da manhã sozinho na mesa coberta com oleado da cozinha, depois que seu pai e seu irmão tinham saído para rezar, ele decidira não comer mais nada o resto do dia. Mas às onze horas sua mãe, como sempre, saiu do bangalô à procura dele com um pedaço de pão de centeio com geleia e ele primeiro se recusou a comer. Mas aí ela disse: “Ano que vem...”, e ele cedeu por ela e comeu. Estava gostoso, mas não delicioso, e ele ficou zangado logo depois quando lembrou que tinha sido forçado a comer. Mais tarde, na hora do almoço, ela saíra outra vez à sua procura e ele almoçara no mesmo estado de insatisfação. Porém agora desejava abertamente, ali parado a olhar o mar e ouvir seu rugido, que o pai ou o irmão o tivessem proibido terminantemente de comer. Ele teria aguentado. Lado a lado com o avô e o irmão bom, ele teria

sido capaz de passar só com água o dia inteiro. Como também nem sonhava em ir até o mar agora, por exemplo, mesmo com o terno de tweed pinicando o pescoço e as coxas, mesmo não conseguindo deixar de imaginar como a água seria deliciosa na pele. Sua mãe dissera que tudo bem se ele vestisse shorts de algodão, mas ele nem pensava em tirar o terno que pinicava. Fériado era feriado. Ele tentou apagar da cabeça que havia almoçado. Tentou se forçar a sentir muita fome, mas não conseguia lembrar direito da sensação. Pelo menos não tinha voltado ao bangalô desde o almoço para tomar um copo de leite. Ele contou e, meio acreditando, garantiu a si mesmo que jejuara três vezes hoje e depois limpou um pouco de areia que estava em cima do sapato para ficar perfeito. Mas depois de um momento uma vaga inquietação voltou; ele não conseguia acreditar em nada sozinho e queria que o irmão ou o pai estivessem ali para ver sua perfeição. De repente ele se deu conta de que, sem nem tentar se controlar, não tinha cutucado o nariz o dia inteiro e sentiu-se cristalino diante disso. Mas não havia ninguém perto para ver.

O mar continuou batendo. A praia, branca como sal, estava deserta. Não se ouvia o tilintar do sorveteiro, não havia quase carros estacionados na rua ladeada por bangalôs, agora que setembro chegara e as varandinhas, cada uma exatamente igual à seguinte, estavam quase todas vazias. Ele sentiu, ao apertar o bolso contra a coxa, o canivete enferrujado que havia encontrado no bangalô vazio dos Levine, semana passada. Era o melhor tesouro que encontrara no fim da estação quando acompanhou os outros meninos no saque. Ele se perguntou, à toa, por que as mães sempre deixavam tantos grampos de cabelo e sabonetes cheios de pelos. Pais deixavam lâminas de barbear, mas essas não se escondiam nas frestas das gavetas nem debaixo dos colchões. Ele se perguntou por que mães paravam de falar ou mudavam de assunto quando ele entrava na sala. Debaixo da saia delas era

escuro. Pais continuavam falando, mal notavam o menininho entrar, e era sempre mais claro.

Uma nova estranheza no mar desmanchou suas lembranças. Ele viu sua superfície se inclinar. Lá, muito, muito longe, estava se formando uma onda tão grande quanto o próprio mar e um novo ruído, mais forte do que ele jamais ouvira, começou a soar. Ele se pôs de pé, num êxtase de medo, pronto para correr. A onda subiu mais e mais alta até ser uma parede ereta de água negra. Ninguém mais estava vendo aquilo, ele sabia, só ele, a areia e as varandas vazias. Ela se inclinou, dura e compacta como pedra, e ele a ouviu gritar para si mesma ao bater de cabeça, os borrifos voando como cinquenta mangueiras de jardim ao mesmo tempo. Virou-se, feliz por ter escapado da morte, e partiu para casa para contar. Palavras alegres já se formavam em sua boca. “A água ficou assim dura, igual à rua, depois subiu no ar e eu nem conseguia ver o céu, e aí, sabe o quê? Eu vi a barba!” Deteve-se.

De repente, não tinha bem certeza de ter visto a barba. Lembrava de ter visto, mas não tinha certeza de ter visto mesmo. Visualizou sua mãe; ela acreditaria se ele contasse, como sempre acreditava em tudo que contava ter acontecido com ele. Mas uma tristeza se esgueirou para dentro dele, uma indecisão, quando se lembrou que ultimamente ela não ficava tão animada com as coisas que lhe contava. Claro que não dizia que ele estava mentindo, como fazia o irmão, ou o interrogava como Ben, de um jeito que os detalhes contraditórios apareciam e estragavam tudo. Mas agora havia algo nela que não era exatamente escuta, do jeito que ela sempre escutava. De forma que mesmo com ela agora ele se via tendo de acrescentar coisas que sabia que não eram verdade para fazer com que ela realmente prestasse atenção. Como a história do cavalo do leiteiro que pisou numa mosca. Ele realmente tinha pisado na mosca, mas, quando ela simplesmente balançou a cabeça, ele continuou e disse que ele

havia erguido o casco de novo, olhado o chão, esperado e depois pisado em outra mosca, e depois numa terceira. Ele franziu o rosto pálido. Se fosse contar a ela agora a história do mar, provavelmente teria de dizer que vira não apenas a barba, mas o rosto mesmo debaixo da água, e talvez até a aparência dos olhos. Em sua cabeça, ele via claramente os olhos — eram azuis com pálpebras brancas e chatas, e conseguiam olhar para cima dentro da água salgada sem piscar; mas não era a mesma coisa que ele saber que tinha visto os olhos. Se ela acreditasse, então ele provavelmente teria visto, mas se ela simplesmente balançasse a cabeça como andava fazendo ultimamente, sem respirar nem se encher de surpresa, então ele acabaria se sentindo vagabundo, mau, por ter contado uma mentira. Estava ficando quase igual a contar as coisas para o irmão. A raiva contra ela cresceu dentro dele parado ali, louco para contar ao menos sobre a onda. Para ele, era como se nada tivesse acontecido se não pudesse contar, e ultimamente era tão complicado contar alguma coisa.

Foi para a porta e entrou na sala pequena, amargurado pela incerteza. Viu-a através da porta da cozinha, trabalhando com as panelas. Ela deu uma olhada para ele e disse: “Tome um copo de leite”.

Leite! Enquanto o pai e o irmão estavam agora mesmo parados na frente de Deus, rezando com os lábios ressecados, verdes de fome. Ele não respondeu. Não podia nem entrar na cozinha, aquele lugar abençoado onde sempre adorava sentar com o queijo apoiado no oleado fresco da mesa, observando enquanto ela cozinhava, contando as coisas incríveis que tinha visto no mundo lá fora. Ele subiu em uma cadeira da mesa de jantar onde nunca havia se sentado antes.

Depois de alguns momentos de silêncio, ela se virou e o viu ali. Ergueu as sobrancelhas como se o tivesse surpreendido pendurado do teto. “O que está fazendo aí?”, perguntou.

Como se ela não soubesse! Ele baixou os olhos amargamente para a mesa. Então ela saiu da cozinha e parou perto dele, intrigada. Ele não olhou para ela, mas podia vê-la e, de novo, como se fosse a primeira vez, lembrou-se que ultimamente ela estava estranha, tinha o rosto um pouco inchado. É, e caminhava diferente, como se estivesse sempre numa fila de gente andando devagar.

Ela ficou olhando para ele sem falar, as sobrancelhas franzidas, e ele de repente se deu conta de que era o único em toda a família, inclusive seus primos, que tinha orelhas de abano. “Abaixe essas orelhas, Martin, vamos entrar num túnel!” E os tios olhavam do alto para ele, riam: “De onde foi que *ele* saiu? A quem puxou?”. Ele não se parecia com ninguém, lembrou, sentado ali com a mãe à sua frente. Cresceu dentro dele a sensação de que havia um espaço através do qual ele e a mãe se olhavam o tempo todo, e ele não se lembrava disso antes. “Está doente?”, ela perguntou afinal, tocando sua testa com a mão.

Ele afastou a mão dela, roçando ligeiramente sua barriga com a lateral do dedo. Imediatamente seu dedo ficou quente, e sentiu uma pontada de medo no estômago, como uma lâmina de vidro. Ela cobriu a barriga com uma respirada, uma contração profunda no interior do corpo que dava quase para ouvir, e virou-se para voltar à cozinha. Fechou-se o silêncio e em silêncio ela voltou ao fogão. Ultimamente, ela nem gritava mais com ele, lembrou-se, e não se vestia mais se ele estava no quarto, mas entrava no closet e conversava com ele pela porta quase fechada. Ele sabia que não devia perceber isso, assim como Ben e papai não notavam. E agora ele sabia que não devia notar que ela não gritava mais com ele, e escorregou da cadeira, sem saber aonde ir em seguida, o conhecimento secreto gelando a pele.

“Por que não veste um short?”, ela perguntou da cozinha.

Um soluço começou a convulsionar o estômago dele. Short! Enquanto Ben e papai tinham de ficar levantando e sentando na

sinagoga um milhão de vezes por dia com os ternos de lá! Se dependesse dela, as pessoas poderiam fazer tudo o que quisessem... e a barba longa flutuando na água, o mar tão bravo! Ele queria ver se ela teria coragem de ir e falar para papai ou Ben vestirem short!

“Vá, meu filho”, ela disse, “o short está na gaveta de cima.”

A cadeira em que ele estivera sentado escorregou, guinchou no chão. Ele se deu conta de que a tinha chutado e olhou para a porta da cozinha; ela olhou para ele com um ar assustado e divertido.

“O que foi?”, perguntou. A falsidade dela zuniu como insetos em torno de seu rosto.

Ele foi para fora, abriu muito a porta da frente, de forma que a mola miou.

“Martin?” Ela vinha vindo pela sala, mais depressa do que ele esperava, e ele saiu para a varanda, com vontade de correr, mas mantendo um passo orgulhoso. Sentia certa autoridade porque de alguma forma havia imposto a lei a ela. Atrás dele, a mola da porta miou, e ele estava descendo com firmeza o degrau quando ela estendeu a mão e o pegou pelo ombro. “Martin!” A voz era uma queixa, mas acusadora também, penetrando e se espalhando em seus pensamentos mais silenciosos, demolindo sua autoridade. Ele tentou escapar de seu toque, mas ela segurou o paletó e puxou de tal forma que o botão foi parar no queixo dele. “Martin!”, ela gritou agora bem no seu rosto.

Sentiu a indignação se acender dentro dele por ela ser tão desrespeitosa com o terno que usava com tanto cuidado e bateu no braço dela com toda a força. “Me solta!”, gritou.

O golpe a disparou. Ela bateu na mão agressora, seguindo-o pelo pulso, bateu e bateu até arder e, ao tentar escapar, ele tropeçou, caiu na varanda e sentou-se. “O papai vai te dar um couro!”, ela gritou, com lágrimas nos olhos.

Papai! Ela ia contar ao papai! Seu desprezo empurrou para quilômetros de distância o rosto contorcido dela a gritar e ele sentiu uma calma estrada de luz se abrir diante dele. O queixo tremendo, os olhos negros marcados pelo ódio, ele gritou: “Eu não preciso mais de você!”.

Os olhos dela pareceram se abrir mais e mais, escandalizados. Ele estava perplexo; naquele momento não parecia uma coisa ruim de se dizer, apenas verdadeira; ela não precisava dele, então ele não precisava dela. Mas lá estava ela, a boca aberta, a mão no rosto, olhando para ele com um horror que ele nunca imaginara que alguém pudesse demonstrar. Ele não entendia; apenas as mentiras é que eram horríveis. Ela se afastou, olhando para ele como se fosse uma coisa estranha, abriu a porta e entrou em casa em silêncio.

Ele ouviu o mar batendo atrás dele, o som lhe chegou, familiar. Levantou-se, estranhamente esgotado. Escutou, mas ela não estava fazendo barulho nenhum, nem chorando que desse para ouvir. Ele desceu da varanda, andou uns metros na calçada até a areia, hesitou em estragar seu brilho e avançou pela praia. Sabia que tinha sido malvado, mas não sabia por quê. Aproximou-se da água proibida. Ela pareciavê-lo.

Havia privacidade ali. A brisa forte abafaria a voz dela se o chamassem, e, ele lembrou, ela não podia mais correr atrás dele. Assim como não podia dançar em volta da mesa com ele ou deixar que pulasse na cama deles de manhã, e se ele chegasse por trás para abraçá-la ela escapava depressa de seu abraço. E ninguém além dele tinha notado esse jeito novo e ele percebeu que era perigoso de alguma forma. Papai não sabia, nem Ben, e caminhando pela beira de areia molhada, o corpo envolto no rugir das ondas a quebrar, ele apertou uma orelha contra a cabeça, pronunciou silenciosamente seu desejo. Se ao menos ele *parecesse* com o pai e com o irmão! Então ele não saberia o

que não devia saber. Era culpa de suas orelhas. Como ele era tão diferente, via coisas diferentes do que eles viam, e tinha conhecimento de coisas que um bom menino jamais teria. Como o dentista.

A respiração arranhou sua garganta quando tentou escapar da lembrança daquele dia terrível. Uma onda repentina subiu e lambeu seu sapato, ele saltou para longe. Curvou-se, tentando se concentrar em secar o sapato com a mão. De repente se deu conta de que havia de fato tocado a água má. Cheirou a mão. Não tinha cheiro de podre. Ou talvez fosse Deus quem estava na água hoje, e não se pode entrar com Ele, então por isso é que a água não estava cheirando a podridão, mesmo sendo proibida. Ele se afastou alguns metros e sentou-se na areia, a imagem do dentista se misturando a seu arrepiado de medo por ter tocado a água, e ele deu vazão a certo prazer assustado.

Viu claramente a calçada da frente do apartamento deles na cidade — a mãe voltando para casa, ele enganchado em seu quadril, ouvindo o crepitante do saco de papel pardo com as compras que ela carregava. E se lembrou da sensação de andar com ela sem ter de pensar onde devia virar, quando parar, quando se apressar, quando ir devagar. Estavam como que conectados, e ele simplesmente se via ali. E então, de repente, pararam. Erguendo os olhos, ele viu o rosto do homem estranho próximo do rosto dela. E uma lágrima escorreu do rosto do homem, passou pelo nariz de Martin. Ela estava falando com uma risada estranha, uma densa excitação, o corpo muito ereto. E ele a chamava pelo primeiro nome, o estranho. E depois, no saguão enquanto esperavam o elevador, ela riu e disse, ainda com a mesma risada ofegante: “Ah, ele estava tão apaixonado por mim! Eu estava pronta para casar com ele, pode imaginar? Mas vovô fez com que ele fosse embora. Era só um estudante ainda. Ah, os livros que me trazia o tempo todo!”.

Através do rugido das ondas, ele ainda conseguia ouvir a voz excitada dela acima de sua cabeça, exatamente como havia soado no saguão. E ficou vermelho de novo, de vergonha, uma humilhação que não vinha de nenhuma ideia ou mesmo do incidente em si. Ele não conseguia imaginá-la realmente casada com o dentista, uma vez que era mulher do papai, ela era a mamãe. Na verdade, ele mal se lembrava de qualquer coisa que ela tivesse dito aquele dia, mas apenas de sua risada e da excitação em sua respiração quando deixou o dentista e entrou no prédio de apartamento. Ele nunca tinha ouvido a voz dela daquele jeito, o que o fez decidir imediatamente que nunca revelaria que havia notado o novo tom e a mulher tão estranha que o produzia. E o horror que havia por trás da vergonha dele era que a mãe tinha pensamentos que o papai não tinha. A partir desse dia, ele se sentira como um pequeno pastor que guarda animais de grande porte e que precisam ser impedidos de entender a própria força, e se ele tocassem música longe da vista deles por um momento ou mesmo risse deles ou brigasse com eles, nunca esqueceria que sua flauta não seria de fato rival para a violência não percebida deles caso tomassem consciênciade que não eram uma mesma pessoa, mas independentes, não conectadas em suas mentes como achavam que eram, mas capazes de falar e respirar diferente quando longe das vistas um do outro. Só ele sabia disso e só ele estava encarregado de protegê-los dessa consciência, de mantê-los inconscientes de que não eram como tinham sido antes de o dentista ter falado com a mamãe na rua.

Como sempre acontecia quando ele se lembrava do estranho, pensou no dia seguinte, um domingo, em que toda a família saiu para dar um passeio e quando se aproximaram daquele quadrado específico da calçada ele prendeu a respiração, certo de que, assim que o sapato de papai o pisasse, um rugido e um estalo romperiam o ar. Mas papai passou diretamente sobre o

concreto, não notou nada e mamãe também não notou nada, de forma que Martin naquele momento viu claramente o seu dever, que ele sozinho tinha de manter a vigilância. Pois mesmo mamãe tendo agido daquele jeito com o estranho, ela de certa forma não tinha consciência do real significado daquilo, como ele tinha. Ele não podia deixar que ela soubesse, de nenhuma forma concebível, o verdadeiro sentido do que havia feito; que, em vez de rir excitada quando disse “Ele estava tão apaixonado por mim, eu quase me casei com ele”, ela devia uivar e gritar, ficar horrorizada. Mas ele nunca diria isso a ela.

Agora, sua cabeça tremia, tremulava, como sempre fazia quando chegava à última parte, quando imaginava o que aconteceria com papai se ele um dia descobrisse não só o que acontecera, mas que ele sabia esse segredo. Papai ia olhar para ele de cima de toda sua altura e rugir de dor e horror terríveis. “Mamãe quase casou com o dentista? Quem é esse menino que inventa uma coisa dessas! Aaaaaahhh!” Ele seria engolido pelo rugido, e a agonia o fez ficar de pé.

Caminhou ao lado do mar, catando conchinhas e esmagando-as até virarem pó; jogou pedras, quebrou gravetos, porém uma ameaça não o deixava em paz. Aos poucos lhe veio a lembrança de que nunca tinha visto sua mãe tão horrorizada como a havia deixado. Ele a deixara louca algumas vezes, mas não daquele jeito, não com aquele olhar. E os dentes dela tinham aparecido quando bateu nele. Isso nunca acontecera — não com os dentes aparecendo.

Os dentes aparecendo e os olhos arregalados... Ele olhou o mar. Talvez fosse porque hoje era feriado? Ele sempre acreditara que sua maldade emitia uma espécie de raio invisível, uma comunicação que passava além da sua família e entrava numa escuridão em algum lugar distante; não era uma coisa que ele tivesse pensado, era uma coisa que sempre soube. E o castigo

viria da escuridão como de um julgamento inalterável, que não podia ser detido, nem encarado, nem desviado. Os olhos escandalizados dela pareciam agora ter se assustado por ele, pelo que ele havia atraído da escuridão sobre si. Ela não estivera apenas brava com ele na varanda, tivera medo por ele. Ele deve ter dito alguma coisa que era não só um insulto a ela, mas um pecado. E não conseguia lembrar o que tinha dito. O simples fato de não lembrar o assustava; abria alguma horrível possibilidade.

O dentista! Sentiu o coração apertar; teria, por engano, dito a ela que sabia que ela tinha agido daquele jeito com o estranho? Ou quem sabe ela acreditasse que ele já havia contado a papai? Ele queria correr para casa e dizer a ela: “Mamãe, eu não contei do dentista para o papai!”. Mas, assim que pensou nisso, ele se deteve, ao se dar conta de que não podia contar nem a ela que ele sabia. E se contasse a Ben, Ben ficaria horrorizado que ele pudesse ter dito uma coisa dessas. Foi arrastando os pés pela praia vazia, tão solitário quanto seu dever, sem saber que partilhava seu segredo com o mar barbudo em cujas profundezas havia olhos que viam, e viam a ele, viam através de seu crânio. E caminhando lembrou-se de como seria perder sua visibilidade; se papai descobrisse que ele sabia, e rugisse, ele iria desaparecer gradualmente. Porém, não seria o fim. Ele estaria efetivamente lá, ouvindo tudo e vendo-os o tempo todo, só que eles não o veriam. De repente, sentiu que ia cair no choro por eles o terem perdido, e depressa corrigiu sua visão. O fato é que seria visível quando olhassem para ele, mas assim que virassem as costas ele ia desaparecer. Estava muito bem. À noite, por exemplo, poderia levantar da cama e ir invisível até o quarto deles, sentar lá confortavelmente e eles nunca saberiam de sua presença. E caso se cansasse quando ficasse muito tarde, podia deitar na cama entre eles e todos dormiriam muito bem. Só que — acrescentou cuidadosamente — tinha de se lembrar de não fazer xixi

na cama, senão eles iam acordar de manhã, ver o molhado e um acusar o outro e brigar.

Ele se viu parado imóvel, de frente para o mar. Como se fosse uma ideia muito velha que nunca ia embora, ele viu que podia entrar na água e se afogar. No momento não havia medo nisso, nem esperança, mas apenas o prazer de não fazer parte de nada. E ele se lembrou de um momento anterior, no verão em que ele e o irmão tinham saído antes do café da manhã, quando não havia ninguém na praia. E tinham brincado na água por algum tempo e quando chegou a hora de voltar ele não conseguiu. Uma corrente submarina o puxou com muita força quando tentou nadar contra ela. Então ele se virou na água, já vomitando, e começou a nadar a favor da corrente. Que fácil, que rápido! E logo chegaria à Europa. Depois, estava deitado na cama, todo enrolado, com o médico ali e todo mundo dizendo que ele teria morrido afogado se não fosse o leiteiro notá-lo por acaso.

Ele nunca negou isso abertamente. Mas parado ali agora, ele sabia que não tinha quase se afogado, não. Ele teria chegado à Europa, porque tinha uma força secreta que ninguém sabia que tinha. E de repente se lembrou: “Eu não preciso mais de você!”. Suas próprias palavras voltaram, agudas e vermelhas de fúria. Por que isso era tão terrível? Ele não precisava dela. Sabia amarrar o sapato já, podia andar para sempre sem se cansar... Ela não o queria, por que ele tinha de fingir que a queria? O horror daquilo lhe escapava. Mesmo assim, talvez fosse mesmo horrível, só que ele não entendia por quê. Se ele ao menos soubesse o que era horrível e o que era apenas terrível! “Que bom seria afundar no mar agora”, pensou. Como ela ia implorar para seu rosto morto, de olhos fechados, para que dissesse alguma coisa. Ben ficaria maluco também, e papai... O papai provavelmente estaria esperando atrás, sem querer interferir com o médico, esperando contarem o que havia acontecido. E então seus lábios se mexeriam

um pouco e todos se surpreenderiam. “Ele vai falar!”, ela exclamaria. Ele abria os olhos e diria: “Eu estava no mar, andando. Vi uma onda e dentro da onda vi a barba. Era do tamanho de um quarteirão. Toda grisalha. E aí vi o rosto. Tinha olhos azuis, igual o vovô, só que muito maiores. E tinha uma voz muito, muito grossa, como as baleias cantando no fundo do mar. É Deus”.

“É Deus”, sua mãe ofega, batendo as mãos como costuma fazer.

“Como pode ser Deus?”, Ben pergunta, enojado com suas mentiras.

“Porque Ele me beijou.”

“Prove!”, Ben diz, rindo, cálido.

Ele abre a boca e todos olham dentro, como todos olharam quando teve dor de dentes na noite de Ano-Novo, e precisaram chamar tantos dentistas. E dentro de sua boca veem o oceano inteiro, e logo abaixo da superfície veem os olhos azuis, a barba flutuante e então de sua boca sai um rugido profundo, gigantesco, igual ao do oceano. Pelo canto dos olhos, ele viu um movimento. Havia um homem lá, vestido de preto.

Não ousou se virar inteiramente, mas mesmo naquele primeiro instante viu que o homem usava sapatos pretos brilhantes, um xale de oração de cetim nos ombros e um solidéu preto no alto da cabeça.

Então fez um esforço para olhar para o homem; um terror sugou sua língua centímetros para dentro da garganta, mas ele logo se sentiu aliviado — o homem estava realmente ali, porque havia outros homens parados atrás dele na pequena multidão. Ocupavam o espaço que ele conseguia cobrir atirando uma bola. O vento agitava as franjas dos xales de oração. Estavam de frente para o mar, rezando em voz alta com os livros pretos abertos nas mãos, oscilando o corpo para a frente e para trás com um pouco mais de urgência, ele pensou, do que os que tinha visto na sina-

goga, e viu que o pai e o irmão estavam entre eles. Será que sabiam que ele estava parado ali? Ninguém nem olhou para ele; continuavam se dirigindo ao ar acima do mar.

Ele nunca tinha visto tantos homens com sapatos pretos engraxados na praia. Nunca tinha visto xales de oração à luz do sol. Para ele era algo fora do comum, pulsando num vago alarme. Ele temeu por eles, ao fazerem isso, como se o teto da sinagoga tivesse sido arrancado e Deus fosse realmente aparecer e não apenas os rolos da Torá retirados da Arca. Estavam diante d'Ele. Ele devia estar muito próximo e era terrível. Vendo seus olhares introvertidos, ele se perguntou se talvez não percebessem que estavam na praia a apenas um metro do mar bravio. Talvez ele pudesse esgueirar-se quietinho até papai e contar para ele, e aí papai levantaria os olhos do livro, veria onde estava e gritaria: “O que nós fizemos! Como saímos do *shil*?” E todos se virariam e voltariam correndo à sinagoga, com os xales de oração esvoaçando, e depois agradeceriam a ele por tê-los impedido de olhar no rosto nu de Deus.

Ou talvez ele nem devesse ver aquilo, como daquela vez no ano passado na sinagoga quando seu avô disse: “Você não deve olhar agora”, e fez com que cobrisse os olhos. Mas durante um segundo, ele espiara por entre os dedos e lá na frente, na plataforma elevada, vira uma imagem terrível. O cantor, ou o rabino, ou alguém com uma barba comprida, junto com três ou quatro outros velhos, estava cobrindo o rosto com o xale sedoso de oração. Ele não estava de sapatos, só meias brancas. Todos eles de meias brancas, e começaram a cantar loucamente e depois estavam *dançando*! E não uma dança bonita, mas uma dança de velhos, principalmente subindo e descendo e balançando, duros, de um pé para o outro, como um grupo de barracas em movimento e de debaixo dos xales vinham guinchos, choro e gritos súbitos. Depois, todos olharam para o armário onde guardam os

rolos da Torá e ajoelharam com um joelho, depois com o outro e, como prédios que se curvavam, deitaram de cara no chão, bem esticados. Lá no altar, onde o rabino, ou o cantor, ou outra pessoa costumavam ficar sempre muito rígidos, sem olhar diretamente para ninguém. Ele ficou com vergonha de pensar nos velhos sérios dançando.

Ninguém da pequena multidão estava olhando para ele, nem mesmo Ben por um segundo, nem papai também. “Eles sabem que eu espiei aquela vez o cantor dançando”, Martin pensou e eles sabiam que ele não podia mais ser salvo; não importava que ele olhasse isso agora porque ele não era bom. Na verdade, talvez tivessem todos vindo aqui para chorar por ele, por ele ser um bandido. Se um menino bom como seus primos, com orelhas normais estivesse ali agora, eles provavelmente correriam até ele e o fariam fechar os olhos e não olhar. Ele virou o rosto para se concentrar no rugido do mar, tentando nem ouvi-los rezando. Mas não foi recompensado, nenhuma recompensa, e de repente a voz do cantor, o homem que ele tinha visto primeiro, subiu mais e mais alto no vento, até parecer uma voz de moça, e Martin teve de olhar.

Estavam todos rezando mais alto agora e gritando assustadoramente para as ondas, o cantor e depois outros homens com ele, batendo com os punhos no peito. Os golpes soavam como tambores individuais no chão, fazendo-os gemer ou gritar para a água insistente, e Martin viu alguma coisa cintilante voar da mão do cantor e formar um arco até uma onda. Uma sardinha morta? Ou era um borriço brilhando? Fez-se silêncio. Ninguém se mexeu. Todos os lábios se abriram e se fecharam, mas havia apenas um zumbido grave que emergia do rugido das ondas.

Martin esperou e, de repente, ficou assustado com a ideia de que o cantor, assim como havia feito na sinagoga na semana anterior, fosse pegar o chifre curvo de carneiro e soprar nele.